

Jesus e a pecadora: Um aspecto da misericórdia na abordagem lucana

Considerações sobre o texto de Lc 7, 36-50

Rodrigo Victor de Souza Pereira¹

Resumo: A vida cristã é diferente da lógica farisaica. Isso se dá porque, o perdão e a salvação concedidos por Jesus não são por causa dos méritos de quem os recebe, mas são livre expressão da vontade e da gratuidade de Deus. Neste presente artigo, fruto da pesquisa da perícopes de Lc 7, 36-50, o evangelista Lucas demonstra que Jesus se utilizou da impureza dos que se consideravam incólumes, e dos ritos levados à plena observância, para desmistificar os paradigmas cunhados a nível social e religioso, mostrando que em seu Evangelho, as mulheres também são destinatárias da salvação enunciada por Jesus. A novidade inaugurada por Jesus e relatada por Lucas é que sua mesa está sempre aberta e disponível a todos, de tal forma que ninguém deva se sentir excluído, demonstrando com isso que Ele é a própria encarnação da misericórdia de Deus. Sendo assim, na análise desta perícopes, algumas questões contemporâneas como o uso consciente da justiça, o fator da exclusão social, os enfoques demasiados com relação à moral sexual e o advento do empoderamento feminino, servirão de direcionamentos para uma contextualizada atualização bíblica.

Palavras-chave: Misericórdia; Perdão; Salvação.

1 Pós-graduando em Ética e Direitos Humanos pela Faculdade Vicentina – FAVI – Curitiba/PR. Bacharelado em Teologia pela Faculdade Dehoniana – Taubaté/SP. Bacharel em Filosofia pela Universidade Católica de Pernambuco (2015). Membro do grupo de pesquisa PHAES (Pessoa Humana, Antropologia, Ética e Sexualidade) da PUC-SP.

Abstract: The Christian life is different from pharisaic logic. This is because the forgiveness and salvation granted by Jesus are not because of the merits of those who receive them, but are free expression of God's will and gratuitousness. In this article, the result of the research of the pericope of Lk 7, 36-50, the evangelist Luke demonstrates that Jesus used the impurity of those who considered themselves unharmed, and the rites brought to full observance, to demystify the paradigms coined at the social and religious level, showing that in his Gospel, women are also recipients of The novelty inaugurated by Jesus and reported by Luke is that his table is always open and available to everyone, so that no one should feel excluded, thus demonstrating that He is the very incarnation of God's mercy. Thus, in the analysis of this pericope, some contemporary issues such as the conscious use of justice, the factor of social exclusion, too many approaches to sexual morality and the advent of female empowerment, will serve as directions for a contextualized biblical update.

Keywords: Mercy; Forgiveness; Salvation

Introdução

Para compreender o texto de Lc 7, 36-50 é necessário, em primeiro lugar, nos determos ao contexto em que ele está inserido. Para tanto, na primeira parte da nossa pesquisa iremos tecer algumas considerações sobre as linhas gerais do Evangelho de Lucas. Depois, num segundo momento, o nosso foco se direciona para a perícopes em questão, tratando de suas especificidades, termos e mensagem próprios. Nesse contexto, nos ateremos a fazer um comentário exegético-teológico, e posteriormente, numa terceira parte, faremos uma síntese teológico-pastoral, atualizando, portanto, o texto.

1. O evangelho lucano em linhas gerais

O Evangelho de Lucas, segundo a exegese bíblica, foi o terceiro a ser escrito e é, sem dúvida, uma obra em si bem concluída. Apesar de Lucas se apresentar como um historiador, ele o faz aos moldes de uma história sagrada, redigindo o seu texto para mostrar o significado dos acontecimentos para a fé. Para entendermos um pouco sobre o escrito lucano, precisamos orientar a nossa investigação por caminhos basilares para a compreensão do seu pensa-

mento: sabermos quem é Lucas, onde escreve a sua obra, quando a escreve e para quem a escreve.

Como é de amplo conhecimento, Lucas foi autor não somente do Evangelho que leva o seu nome, mas também do livro dos Atos dos Apóstolos. É interessante o seu modo de escrever pois com muita descrição no prólogo do seu evangelho, ele faz menção à sua identidade de autor e escritor. E nos Atos dos Apóstolos, ele usa os verbos no plural para indicar a sua participação nos acontecimentos vividos por Paulo e pelos outros missionários².

Desde cedo, a tradição quis atribuir a redação do livro a Lucas, pois os seus escritos demonstravam de fato que provinham de alguém que indubitavelmente foi companheiro de Paulo em suas viagens. Como é anacrônico afirmar que ele conheceu o Senhor pessoalmente, as evidências se encaixam pelo fato de Lucas iniciar o seu relato a partir do nascimento de João³.

O protagonismo de Lucas na redação do evangelho foi comprovado por sérias fontes que atestam tal fato. O cânon de Muratori, por exemplo, afirmou que Lucas foi um médico que depois da ascensão do Senhor, tornou-se companheiro de Paulo em suas viagens. De igual modo, Irineu, Tertuliano e Orígenes ratificaram a autoria do evangelho à Lucas. O Prólogo Antimarcionita do quarto século acrescenta algumas particularidades interessantes, mas que carecem de credibilidade histórica. Entretanto, a tradição se vale destas informações até o dia de hoje: “Trata-se de certo Lucas, sírio de origem, de Antioquia, médico, discípulo dos apóstolos, que mais tarde foi seguidor de Paulo até o martírio dele. Servindo ao Senhor sem erro, não teve mulher, não gerou filhos; morreu na Beótia, cheio do Espírito Santo, na idade de 80 anos”⁴.

A exegese bíblica também acredita que Lucas tenha sido médico justamente por causa dos detalhes com que escreve fatos relacionados à medicina. Pela linguagem de sua composição, tanto o evangelho como os Atos dos Apóstolos se mostram ricos de referências relacionadas a problemas de saúde, e Lucas parece estar mais

2 Cf. Alberto CASALEGNO, *Lucas: A Caminho com Jesus Missionário*, 2003, p. 235.

3 Cf. *Idem*, p. 236.

4 *Idem*, p. 236.

atento à descrição das doenças. De igual modo, enquanto Marcos em seu capítulo 5, 26 critica os médicos por sugarem o dinheiro de uma mulher hemorroísa, Lucas por mais que tome Marcos como uma de suas fontes, evita fazer tal crítica. Também no relato do bom samaritano, quando Lucas com muito esmero faz observações sobre o modo de cura por meio do óleo e do vinho, isso se apresenta como pequenas probabilidades que indicam de fato sua profissão. Por mais que sejam genéricas estas evidências, assim como o tornozelo do paralítico e as escamas que caíram dos olhos de Paulo, não podemos negar que tudo isso somado ao atestado da tradição, hoje se tem um consenso bastante aceito de que de fato Luca tenha sido médico⁵.

Quanto ao lugar que escreveu sua obra, a opinião tradicional da grande maioria dos estudiosos continua gozando a favor de que o local do escrito seja a mesma cidade de origem do autor, ou seja, Antioquia. Em relação ao período de redação da obra lucana, é provável que Lucas tenha redigido o seu escrito por volta dos anos 80-95 d.C. Esta data é atestada pela relação que tem com a morte de Paulo, cuja redação do evangelista ocorreu somente depois de sua morte. De igual modo, como o texto não insiste sobre o perigo das heresias, ele também não relata sobre a negação da liberdade religiosa que mais tarde será podada, fica evidente que sua redação ocorreu antes do início das perseguições⁶. E quanto para quem destina o seu texto, Lucas deixa bem explícito logo no Prólogo tanto do evangelho como nos Atos dos Apóstolos que escreve para um certo “Teófilo”, personagem desconhecido, mas que dentre as muitas divergências encontradas em torno desse destinatário específico, Teófilo pode ser compreendido como um cristão influente ou certo protetor-patrocinador da obra lucana⁷.

Sobre a teologia lucana, podemos observar que Lucas é o evangelista que em sua obra mais destaca o valor de Maria. Lucas apresenta as narrações da infância e o mistério de Jesus com uma sequência de mensagens sobrenaturais, constituindo, por sua vez, um prólogo cristológico. Sobre seu caminho missionário, podemos dividi-lo em três partes: em primeiro plano ele conduz

5 Cf. *Idem*, p. 239-240.

6 Cf. *Idem*, p. 240-241.

7 Cf. Rinaldo FABRIS; Bruno MAGGIONI, *Os Evangelhos II*, 2006, p. 25.

os discípulos a um primeiro conhecimento aproximativo de sua pessoa, a tal ponto de Pedro o reconhecer como “o Cristo de Deus”; num segundo momento vemos a subida a Jerusalém, onde Lucas mostra aos moldes de uma viagem, e é para lá que Jesus vai porque é em Jerusalém que se deve manifestar a salvação; e num terceiro momento de sua missão, a salvação aqui se realiza em Jerusalém, sendo esta a representante de Israel perante Jesus no drama da cruz. Ou seja, todo o evangelho mostra a revelação progressiva do mistério do Senhor Jesus e o gradual conhecimento desse mistério por parte daqueles que terão de pregar a mensagem do Evangelho⁸.

Ainda vale salientar que a salvação enunciada por Lucas é universal e é por isso que algumas vezes se utiliza da expressão “no hoje da salvação”. Os destinatários da salvação trazida por Cristo e enunciada por Lucas são os pobres e pequenos, e aqui o leque se abre, pois Lucas trata das mulheres, dos pecadores, das viúvas e principalmente dos doentes físicos e espirituais, a quem Jesus vai curar para manifestar a salvação divina. Lucas tem seu modo próprio de escrever, e por mais que tenha redigido toda a sua obra com muito esmero, dotado de sensibilidade e arte, ele é indiferente com a cronologia e com a localização topográfica de suas narrativas. Seu evangelho vai se localizar em data posterior à queda de Jerusalém, e Lucas, por sua vez, vai desvincular esse acontecimento de qualquer perspectiva escatológica⁹.

2. Considerações sobre o texto de Lc 7, 36-50

Em níveis gerais, após conhecermos melhor um pouco da redação do evangelho de Lucas, podemos nesse momento localizar a nossa perícopes no bloco literário em que está inserida. Esta narrativa nos apresenta um fato inegável: estamos diante de uma joia literária lucana, e de certa forma, ela representa a arte literária do Evangelista.

8 Cf. *BÍBLIA de Tradução Ecumênica*, 2015, p. 1965-1967.

9 Cf. *Idem*, p. 1968-1969.

O texto que nos detemos a analisar é composto de alguns elementos historicamente consideráveis. Inicialmente, já podemos encontrar um significado pelo simples fato de Jesus ter sido convidado para um banquete, ou seja, para essas refeições solenes, só eram convidados aqueles que eram tratados com honra por quem oferece o banquete, e também podemos intuir que o fariseu considerava que Jesus estivesse no mesmo patamar que ele. O que surpreende e vai servir como ponto fulcral do desenvolvimento de todo o texto é a entrada da mulher que não fora convidada para tal festa, chamando a atenção de todos e do próprio Jesus por sua condição e pela sucessão de gestos que realizou¹⁰.

Foi a atitude de Jesus para com a pecadora que ocasionou a reviravolta encontrada no texto e que vamos destrinchar de forma detalhada posteriormente. Sobre isso, podemos considerar a mulher em seu contexto histórico a partir do que se segue:

De fato, na sociedade judaica daquele tempo, as mulheres eram culturalmente consideradas como seres inferiores, fracas, vulneráveis e tentadoras (Gn 3). A Lei de Israel colocava a mulher como propriedade do pai ou do marido, sempre em posição subalterna ao homem. Não era sujeito propriamente nem na esfera religiosa nem no Direito Civil (não contava como testemunha). Não participava da vida pública. Quando saía de casa devia trazer o rosto e a cabeça cobertos por um véu. Por isso, quando a mulher do texto que lemos enxuga os pés de Jesus com seus cabelos, dá-se um escândalo: ela teve que tirar o véu e soltar o cabelo para fazê-lo. A condição inferior da mulher era ainda marcada através de sua corporeidade, pois o corpo feminino era considerado impuro durante longos períodos (menstruação, parto, relações sexuais...) ¹¹.

Dito isso, não queremos nos adiantar diante da detalhada explanação que iremos fazer sobre o texto, mas queremos introduzir o leitor na perspectiva do contexto histórico em que esta perícopes se insere. Para uma compreensão ampla do texto, vale salientar que foi

10 Cf. Tereza Maria Pompéia CAVALCANTI, Jesus, a pecadora pública e o fariseu, in *Estudos Bíblicos* 24 (1989), p. 31.

11 *Ibidem*.

justamente esta “classe” de gente, as prostitutas, publicanos e pecadores, os destinatários do anúncio da salvação trazido por Jesus. Foram estas pessoas que acompanharam Jesus em sua trajetória histórica, e a função da narrativa deste episódio constitui justamente uma resposta à crítica dirigida a Jesus por parte das autoridades judaicas¹².

O bloco literário em que nossa perícopes se encontra é justamente na dimensão do Ministério de Jesus na Galileia, que se encontra em Lc 4, 14-9, 50. “Embora Lucas demonstre interesse em muitas facetas da vida e da missão de Jesus, o único tema em que se eleva acima de todos os outros é a mensagem universal da salvação. Pois Lucas enfatiza em todo o seu evangelho que Cristo veio para reunir todos os povos e nações na família de Deus”¹³.

Sendo assim, neste sétimo capítulo em questão, Jesus vai se apresentar como um profeta da cura e dos ensinamentos, e a sua salvação tem a intenção de atingir os humildes, ou seja, a mensagem de Jesus é para os excluídos, os pobres e o mal-afamado. É interessante a maneira de Lucas redigir, pois ele preserva muitas declarações sobre a preocupação de Deus para com os pobres e oprimidos, e particularmente as mulheres, que apesar de sua baixa posição social na antiguidade, são apresentadas de uma forma favorável ao longo do evangelho¹⁴.

3. Estrutura da Perícopes

Para a elaboração de uma estrutura que fosse precisa para abarcar a nossa perícopes em estudo, nos detivemos em vários comentadores. Entretanto, preferimos utilizar um específico que nos permitiu uma possível estrutura de um quiasmo. Na intenção de abordar de forma completa o episódio de “Jesus, a pecadora pública e o fariseu” para, a partir daqui, podermos fazer uma análise teológico-pastoral do todo, fizemos a opção de utilizar o texto inteiro, por mais que possa transparecer extenso.

12 Cf. *Idem*, p.32.

13 Scott HAHN; Curtis MITCH, *O evangelho de São Lucas – Cadernos de estudo bíblico*, 2015, p. 21.

14 Cf. *Idem*, p. 21.

Mesmo assim, diante dessa perícope um pouco extensa, é visível que no decorrer do texto podemos encontrar algumas subdivisões no escrito de Lc 7, 36-50. Num primeiro momento, podemos delimitar que no versículo 36 encontramos uma introdução que vai consistir no convite feito a Jesus pelo fariseu. Em seguida, dos versículos 37 ao 38, são apresentadas a entrada e as ações da mulher. Diante de tamanha surpresa, temos nos versículos 39 ao 40 a reação do fariseu. Agora chegamos ao centro da perícope, que é uma parábola dita por Jesus, cujo desenrolar se encontra dos versículos 41 ao 42a. No que segue, Jesus pronuncia um ensinamento do versículo 42b ao 47. E por fim, com um pequeno trecho em forma de epílogo, vemos nos versículos 48 ao 50 a conclusão da narrativa¹⁵.

A seguir, apresentaremos o texto bíblico desta perícope na íntegra, segundo a versão original em grego, e em seguida em nossa língua vernácula, segundo a Tradução Ecumênica da Bíblia:

3.1 O texto grego

36. *Ἡρώτα δέ τις αὐτὸν τῶν Φαρισαίων ἵνα φάγη μετ' αὐτοῦ καὶ εἰσελθὼν εἰς τὸν οἶκον*

τοῦ Φαρισαίου κατεκλίθη

37. *καὶ ἰδοὺ γυνὴ ἥτις ἦν ἐν τῇ πόλει ἀμαρτωλὸς καὶ ἐπιγνοῦσα ὅτι κατὰκειται ἐν τῇ οἰκίᾳ τοῦ Φαρισαίου κομίσασα ἀλάβαστρον μύρου*

38. *καὶ σταῖσα ὀπίσω παρὰ τοὺς πόδας αὐτοῦ κλαίουσα τοῖς δάκρυσιν ἤρξατο βρέχειν τοὺς πόδας αὐτοῦ καὶ ταῖς θριζὶν τῆς κεφαλῆς αὐτῆς ἐξέμασεν καὶ κατεφίλει τοὺς πόδας αὐτοῦ καὶ ἤλειφεν τῷ μύρῳ*

39. *Ἰδὼν δὲ ὁ Φαρισαῖος ὁ καλέσας αὐτὸν εἶπεν ἐν ἑαυτῷ λέγων Οὗτος εἰῆν (ὁ) προφήτης*

ἐγίνωσκεν ἂν τίς καὶ ποταπὴ ἡ γυνὴ ἥτις ἄπτεται αὐτοῦ ὅτι ἀμαρτωλὸς ἐστίν

40. *Καὶ ἀποκριθεὶς ὁ Ἰησοῦς εἶπεν πρὸς αὐτόν Σίμων ἔχω σοί τι εἰπεῖν Ὁ δὲ Διδάσκαλε εἰπέ φησίν*

15 Cf. Cristina CONTI, O amor como práxis – Estudo de Lucas 7, 36-50, in *RIBLA* 44 (2003), p. 71-76.

41. Δύο χρεοφειλέται ἦσαν δανιστῇ τινι ὁ εἷς ὥφειλεν δηνάρια πεντακόσια ὁ δὲ ἕτερος πενήκοντα

42. μὴ ἔχόντων αὐτῶν ἀποδοῦναι ἀμφοτέροις ἐχαρίσατο τίς οὖνα ὑτῶν πλεῖον ἀγαπήσει αὐτόν

43. Ἀποκριθεὶς Σίμων εἶπεν Ὑπολαμβάνω ὅτι ᾧ τὸ πλεῖον ἐχαρίσατο Ὁ δὲ εἶπεν αὐτῷ Ὁρθῶς ἔκρινας

44. Καὶ στραφεὶς πρὸς τὴν γυναῖκα τῷ Σίμωνι ἔφη Βλέπεις ταύτην τὴν γυναῖκα εἰσῆλθόν σου εἰς τὴν οἰκίαν

ὑδωρ μοι ἐπὶ πόδας οὐκ ἔδωκας αὕτη δὲ τοῖς δάκρυσιν ἔβρεξεν μου τοὺς πόδας καὶ ταῖς θριξίν αὐτῆς ἐξέμαζεν

45. φίλημά μοι οὐκ ἔδωκας αὕτη δὲ ἀφ' ἧς εἰσῆλθον οὐ διέλιπεν καταφιλοῦσά μου τοὺς πόδας

46. ἐλαίῳ τὴν κεφαλὴν μου οὐκ ἤλειψας αὕτη δὲ μύρῳ ἤλειπεν τοὺς πόδας μου

47. οὐχάριν λέγω σοι ἀφέωνται αἱ ἁμαρτίαι αὐτῆς αἱ πολλαί ὅτι ἠγάπησεν πολὺ ᾧ δὲ ὀλίγον ἀφίεται

ὀλίγον ἀγαπᾷ

48. Εἶπεν δὲ αὐτῇ Ἀφέωνταί σου αἱ ἁμαρτίαι

49. Καὶ ἤρξαντο οἰσυνανακείμενοι λέγειν ἐν ἑαυτοῖς Τίς οὗτός ἐστιν ὃς καὶ ἁμαρτίας ἀφίησιν

50. Εἶπεν δὲ πρὸς τὴν γυναῖκα Ἡ πίστις σου σέσωκέν σε πορεύου εἰς εἰρήνην ¹⁶.

3.2 Tradução

36. Um fariseu convidou-o a comer com ele; ele entrou na casa do fariseu e se recostou à mesa.

37. Chegou uma mulher da cidade, que era pecadora; ela soube que ele estava à mesa em casa do fariseu. Trazendo um frasco de alabastro cheio de perfume

38. e vindo por detrás, em lágrimas, aos pés de Jesus, ela se pôs a banhar os seus pés de lágrimas; enxugava-os com os seus cabelos, cobria-os de beijos e derramava perfume sobre eles.

¹⁶ Bible Hub, disponível em: <<https://biblehub.com/whdc/luke/7.htm>>, acesso em: 10 de novembro de 2018.

39. *Vendo isso, o fariseu que o convidara disse consigo mesmo: “Se este homem um profeta, saberia quem é esta mulher que o toca, e o que ela é: uma pecadora”.*

40. *Jesus tomou a palavra e lhe disse: “Simão, tenho algo a dizer-te”. “Fala mestre”, disse ele.*

41. *“Um credor tinha dois devedores; um que lhe devia quinhentas moedas de prata, o outro, cinquenta.*

42. *Como não tivessem com que pagar, ele perdoou a dívida de ambos. Qual dos dois o amará mais?”.*

43. *Simão respondeu: “Penso que aquele a quem ele perdoou a maior dívida”. Jesus lhe disse: “Julgaste bem”.*

44. *E voltando-se para a mulher, ele disse a Simão: “Estás vendo esta mulher? Eu entrei em tua casa: tu não me derramaste água sobre os pés, mas ela banhou os meus pés com as suas lágrimas e os enxugou com os seus cabelos.*

45. *Tu não me beijaste, mas ela, desde que entrou, não cessa de me cobrir os pés com beijos.*

46. *Tu não derramaste óleo perfumado sobre a minha cabeça, mas ela derramou perfume sobre os meus pés.*

47. *Se eu te declaro que os seus pecados tão numerosos foram perdoados, é porque ela mostrou muito amor. Mas aquele a quem se perdoa pouco, testemunha pouco amor”.*

48. *Ele disse à mulher: “Os teus pecados foram perdoados.”*

49. *Os convivas se puseram a dizer consigo mesmos: “Quem é este homem que chega a perdoar os pecados?”.*

50. *Jesus disse à mulher: “A tua fé te salvou. Vai em paz”¹⁷.*

Como evidenciamos outrora, a explanação de uma análise estrutural se faz importante para percebermos o esmero com que Lucas tece o seu texto. A análise estrutural que aqui iremos expor não leva em conta a evolução do texto nem as suas diferentes etapas de composição, mas o próprio texto em si como nos é apresentado. Para tanto, nos valem os esforços da exegeta Cristina Conti:

17 BÍBLIA de Tradução Ecumênica, 2015, p. 1991-1992.

- A - v. 36-37a: Introdução (Mulher pecadora que entra)
- B - v. 37b: Perfume muito caro = muito amor
- C - v. 38a: A Mulher se humilha colocando-se aos pés de Jesus
- D - v. 38b: *Ações da mulher*
- E - v. 39: O fariseu vê somente uma pecadora
- F - v. 40: Diálogo (Jesus tem algo a dizer e Simão escuta)
- G - v. 41-42: Parábola (ponto fulcral da narrativa)
- F' - v. 43: Diálogo (Simão responde bem e Jesus elogia)
- E' - v. 44ab: Jesus faz com que o fariseu veja a mulher
- D' - v. 44c-46: *Não-ações do fariseu em relação às ações da mulher*
- C' - v. 47a: Jesus elogia e perdoa a mulher
- B' - v. 47b: Porque amou muito
- A' - v. 48-50: Conclusão (Mulher não-pecadora sai)¹⁸.

Como observamos, a estrutura dessa perícopa é concêntrica, e todo o relato está construído sobre a base da inversão de situações. Enquanto na introdução vemos a inserção na cena de uma mulher pecadora conhecida na cidade, no epílogo, momento em que ela sai, já fora perdoada e é tida como uma não-pecadora. Jesus, por sua vez, exalta a mulher, e aquela que era marginal, agora vai ocupar o centro, ou seja, Jesus quer de fato que o fariseu veja a mulher como uma pessoa. A oferta feita a Jesus pela mulher vai se tornar sinônimo de uma prova consiste do seu amor para com ele¹⁹.

Ainda sobre essa estrutura, cabe-nos lembrar que o centro de toda a narrativa se estrutura sobre a parábola que Jesus conta, e no centro desta parábola está o perdão dado por Jesus, que é concedido por pura graça e não depende dos méritos daquele que peca, mas da graça de quem perdoa. Em seguida, vemos que a dúvida do fariseu sobre o profetismo de Jesus é respondida pelo próprio Jesus que conhece os seus pensamentos mais ocultos. E por fim, no epílogo, Jesus faz duas declarações à mulher, uma de perdão e outra de salvação²⁰.

18 Cf. Cristina CONTI, *op. cit.*, p. 64-65.

19 Cf. *Idem*, p. 65-66.

20 Cf. *Idem*, p. 66-67.

3.3 O Gênero Literário

Diante de todo arcabouço que já nos foi apresentado até aqui, é um pouco complexo afirmar com veemência qual o gênero literário da perícopa em questão, tendo em vista que um excerto (a parábola dos dois devedores) é introduzido ao texto, acrescentando ao mesmo mais de um gênero literário. Klaus Berger vai postular que, na perícopa em questão, estamos diante de um gênero desde sempre com muitos diálogos ou pelo menos com muito discurso, fazendo ligação com o relato de conversações à mesa e de refeições. Para este autor, Lc 7, 36-50 se trata de um gênero literário denominado simpósio²¹.

Destarte, sobre o gênero literário simpósio, o autor vai afirmar de forma detalhada o que se segue: “Aos simpósios sempre pertenceram os temas “amor” e “mulheres”. Em Lc 7, 36-50 encontram-se não apenas os requisitos formais do simpósio (7, 40.43.44-46), mas pode-se perceber também a característica típica dos vários “pratos” de assuntos. Ao tema “mulheres” é acrescentado, em seguida, o trecho Lc 8, 1-3”²². Ainda sobre o gênero literário simpósio, podemos afirmar o seguinte:

De facto, Lucas recorre ao gênero literário simpósio, aludindo ao protótipo dos *symposia* de Platão e Xenofonte, em que Sócrates era o convidado e em que este último, ao longo do banquete, manifesta a sua sabedoria respondendo aos comensais que aí estavam presentes. Tal como na literatura do mundo grego, também nas narrativas de Lucas o anfitrião é um homem rico e com uma certa sabedoria. Não se conhecem os comensais logo no início, ainda que, tal como na literatura, se explicita, desde logo, a presença de um convidado especial. Além disso, Lucas mantém o princípio literário de desenvolver os diálogos à luz de um acontecimento estranho que surge ao longo do banquete²³.

21 Cf. Klaus BERGER, *As formas literárias do Novo Testamento*, 1998, p. 234.

22 *Ibidem*.

23 Susana de Sousa VILAS BOAS, *O Amor que Salva – Uma Leitura de Lc 7, 36-50 (online)*, 2017, p. 36-37, disponível em: <https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/22860/1/O%20Amor%20que%20Salva%20%28Lc%207%2C36-50%29_Susana%20Vilas%20Boas-A.pdf>, acesso em: 15 de novembro de 2018.

Como delineamos anteriormente, a perícope em análise contém um excerto (Lc 7, 41-43) que se constitui como uma parábola, e que o texto não perderia a sua fluidez se não houvesse esse acréscimo. Mas em questão de significado, podemos afirmar que a narrativa seria prejudicada. Desta forma, para um entendimento do texto como um todo, nos dispusemos a também analisar este acréscimo e explicar de forma detalhada o novo gênero literário que se mostra, “uma narrativa parabólica”²⁴.

Os evangelistas utilizam o termo “parábola” para designar as várias histórias que Jesus contava ou as comparações que ele fazia. A parábola, propriamente dita, trata-se de uma comparação desenvolvida em forma de história. É importante ressaltar que o sentido da parábola não está em cada elemento, mas, sim, no todo. Nas narrativas parabólicas são narrados fatos particulares não rotineiros, mas verossímeis. Elas começam com fórmulas comparativas e têm a intenção de persuadir e, por sua vez, levar os leitores a comparar a sua própria situação com o fato narrado²⁵.

Diante desta narrativa parabólica inserida na perícope da pecadora e do fariseu, podemos encontrar algumas características que se desenvolvem em torno deste gênero literário. Primeiramente, observamos uma relação de autoridade, cujo relato aqui investigado tem a tendência de apresentar os dois personagens em determinada relação social, sendo um superior e o outro inferior, um com o poder e o outro subalterno. De igual modo, também encontramos uma espécie de julgamento, cujo fato é enunciado por Jesus e será julgado pelo fariseu²⁶.

3.4 Possível comparação sinótica

Tendo como pressuposto que o Evangelho de Lucas foi o terceiro a ser redigido e, como explicamos anteriormente, ele foi formado por três fontes: Marcos, Quelle e pelas próprias fontes particulares de Lucas, seria possível intuir que Lucas se utilizou

24 Klaus BERGER, *op. cit.*, p. 51.

25 Cf. Cássio Murilo Dias da SILVA, *Metodologia de exegese bíblica*, 2000, p. 208-209.

26 Cf. Klaus BERGER, *op. cit.*, p. 51.

de algum material pré-existente para escrever este texto. Mas, no senso comum, este texto é muito confundido e assemelhado com a unção de Betânia, que os outros evangelhos ligam à Paixão.

É provável que Lucas tome Marcos como base, mas, rapidamente, se afasta da fonte e compõe uma narrativa independente. A ausência de vínculos entre ambas narrativas se dá pelo fator histórico-temporal em que se situam. Pois, enquanto Marcos põe a cena nas vésperas da morte de Jesus, Lucas a desloca para o início do ministério público de Jesus na Galileia. Mas também não podemos negar que há elementos comuns aos dois relatos, o fato de acontecer uma refeição e Jesus ter sido convidado; o nome do anfitrião também ser Simão; e uma mulher entrar com um vaso de perfume fino e derramar sobre Jesus²⁷.

Os relatos também possuem algumas diferenças relevantes, como o fato de, enquanto em Marcos o anfitrião Simão é um leproso, em Lucas ele é um fariseu. Outra divergência percebida é que, enquanto em Marcos alguns presentes criticam abertamente a mulher pelo desperdício do perfume que pode ser oferecido aos pobres, em Lucas o fariseu julga secretamente Jesus por não ter impedido as ações da mulher, deixando claro que as pecadoras também são destinatárias da salvação trazida por ele²⁸.

Com relação ao evangelho joanino, podemos ressaltar alguns aspectos específicos, como a mulher em questão, que enquanto para João ela é identificada como Maria de Betânia, em Lucas é tida como uma pecadora conhecida na cidade²⁹. Quanto aos paralelismos de João e Lucas podemos compreender no que se segue:

Há um certo paralelismo entre as duas perícopes, pois em ambos os relatos de uma mulher pecadora se torna motivo de um confronto entre Jesus e o grupo dos escribas e fariseus. No texto da mulher adúltera Jesus também desvia os olhares condenatórios de seus opositores para eles próprios, transformando-os de juizes em réus. A diferença é que neste

27 Cf. Tereza Maria Pompéia CAVALCANTI, *op. cit.*, p.33.

28 Cf. *Ibidem*.

29 Cf. *Ibidem*.

caso Jesus dirige à mulher um convite à conversão: “vai, e de agora em diante não peques mais”³⁰.

Tanto Marcos 14, 3-9 como Mateus 26, 6-13 põem o relato momentos antes da última ceia. Aqui, a narrativa se desenvolve em Betânia, e Jesus estava na casa de Simão, que era leproso. Já em João 12, 1-8 a narrativa muda um pouco seu cenário, e o fato acontece ainda em Betânia, mas dessa vez na casa de Lázaro, e a mulher que unge Jesus é sua irmã, Maria.

A verdade é que, por mais que haja paralelos deste relato em todos os evangelhos, eles são localizados em diferentes momentos e com outras intenções e significados. Mas é apenas em Lucas que encontramos o relato tão cheio de detalhes e com especificidades próprias que nos permitem afirmar que este relato, da forma como é redigido, é típico de Lucas.

4. Comentário exegético-teológico

Esta perícopa em que nos detivemos a pesquisar Lc 7, 36-50 é uma pequena obra-prima da arte narrativa lucana e se relaciona com um tema muito caro ao evangelista: a emanção da misericórdia de Jesus, que se concretiza no acolhimento e no perdão dos pecadores. Como este evangelho se apresenta como a “boa nova” para os pobres, Jesus se vê rodeado destes pequenos que, na obra lucana, são os destinatários da salvação³¹.

E é especificamente neste texto que encontramos uma cena com o tema colorido, delicado e dotado de simpatia, justamente porque a protagonista é uma mulher, a saber, uma pecadora conhecida na cidade³². Neste episódio, quando Jesus acolhe uma pecadora, tamanho gesto de misericórdia e acolhimento, ele está pondo ao alcance da mão dos mais miseráveis a salvação de Deus. Deste modo, vale salientar que, por mais que o perdão seja uma

30 *Idem*, p. 36.

31 Cf. Rinaldo FABRIS; Bruno MAGGIONI, *op. cit.*, p. 11.

32 Cf. *Idem*, p. 87-88.

realidade invisível, ele é mais importante do que a cura física³³. De certa forma, Jesus não vai propor um programa de moral arcaico ou um sistema disciplinar para que a mulher retome à vida, mas um contato vivo e permanente com o Mestre e Senhor³⁴.

A cena se passa inicialmente com o convite aceito por Jesus feito pelo fariseu para comer com ele. Jesus gostava destes momentos porque, para ele, “estas refeições são precisamente símbolo e antecipação do Reino de Deus”³⁵. Sendo protagonista da cena, toda a atenção é dirigida à mulher que aparece no episódio. Por mais que o ambiente fosse aberto, a atitude feminina de entrar e dobrar-se aos pés de Jesus pareceu uma atitude muito indelicada e intransigente, pelo menos para a mentalidade puritana dos fariseus. Tal atitude provoca um incômodo nos presentes, pois, analisemos bem: se Simão apenas convidou Jesus porque acreditava na sua pureza e honraria, por ser um grande profeta e por estar no mesmo patamar que ele, como pôde permitir a ação daquela mulher que comprometia a sua reputação, e jogando descrédito sobre a categoria de pureza tão defendida pelos fariseus?³⁶

O escândalo se dá justamente porque Jesus se relaciona sem ver problemas com estas mulheres de má fama, certamente provindas dos estratos sociais mais baixos. Elas se aproximavam dos banquetes para conseguir clientes, e talvez tenha sido este um dos principais escrúpulos dos fariseus, imaginando que a sua intenção seria esta. Entretanto, o próprio desenrolar da narrativa nos mostra que a pobre pecadora foi em busca de um consolo espiritual, e não físico e, conseqüentemente, financeiro³⁷.

A novidade inaugurada por Jesus e relatada por Lucas é que sua mesa está sempre aberta e disponível a todos, de tal forma que ninguém deva se sentir excluído. Jesus vai aos poucos mostrando o que de fato é essencial para a vida, libertando o ser humano das

33 Cf. Claudio Roberto BUSS, *Aula de Exegese e Teologia Bíblica de Lc 7, 36-50* (informação verbal), Taubaté, Faculdade Dehoniana, 17 de setembro de 2018.

34 Cf. Rinaldo FABRIS; Bruno MAGGIONI, *op. cit.*, p. 20.

35 José Antonio PAGOLA, *Jesus: aproximação histórica*, 2014, p. 260.

36 Cf. Rinaldo FABRIS; Bruno MAGGIONI, *op. cit.*, p. 88.

37 Cf. José Antonio PAGOLA, *Jesus: aproximação histórica*, 2014, p. 243.

amarras até da religião, que o impedem de se aproximar de Deus e do próximo, de fato. Isso acontecerá porque, no Reino de Deus, as coisas serão diferentes e a misericórdia vai substituir a santidade³⁸.

Sobre essa sua proximidade com aqueles que de fato precisavam de médico, podemos entender o seguinte:

Jesus entende e vive estas refeições com pecadores como um processo de cura. Ao ver-se acusado por causa de sua conduta estranha e provocativa, responde com o seguinte refrão: “Não são os que têm saúde que precisam de médico, e sim os enfermos”. Estas refeições têm um caráter terapêutico. Nelas Jesus lhes oferece sua confiança e amizade, liberta-os da vergonha e da humilhação, resgata-os da marginalização, acolhe-os como amigos. Pouco a pouco desperta neles o sentido da própria dignidade: não merecem nenhuma rejeição. Pela primeira vez, sentem-se acolhidos por um homem de Deus. Doravante sua vida pode ser diferente³⁹.

Diante de tamanho episódio vemos que Jesus atua como amigo próximo para curar as pessoas de sua vida indigna. O surpreendente em Jesus é que ele vai acolher os pecadores sem deles exigir previamente o arrependimento, ou seja, Jesus perdoa-os sem a certeza de uma sincera conversão. Sua atitude demonstra que ele, de fato, atua como um representante, ou mais, a própria encarnação da misericórdia de Deus⁴⁰.

Um fato inusitado na cena é que Jesus, ao perceber a falta de atenção de Simão para com a mulher, pronuncia uma parábola, e poderíamos afirmar que esta parábola se tornou viva, justamente porque os próprios personagens estavam ali presentes como se tivessem deixado o campo da imaginação e tomado forma.

Jesus sabia que, como fariseu, Simão tinha o costume de julgar e por isso colocou tal situação em suas mãos. Mas a “indireta” estava muito transparente para que ele não percebesse que ele próprio era o personagem vivo da parábola em questão. E aqui se constitui uma trama: tal devedor que ama pouco fará uma experiência limitada do perdão. Ou seja, há uma íntima ligação entre o

38 Cf. *Idem*, p. 244-245.

39 *Idem*, p. 247-248.

40 Cf. *Idem*, p. 251.

perdão dos pecados e o amor generoso. E aqui podemos entender o gesto amoroso da mulher por duas vias: uma é que os gestos da mulher são a expressão de um amor grato pelo perdão recebido; e a outra via é que o grande perdão concedido à mulher é o fruto e, conseqüentemente, a resposta pelo seu grande amor manifestado para com Jesus⁴¹.

O perdão concedido por Jesus é algo muito concreto, pois ele adotou as feições humanas e não reside pura e simplesmente no mundo da abstração. Tal perdão se configura como uma denúncia à ilusão farisaica, pois os fariseus esqueceram-se que também eram pecadores e julgavam todos os outros como sendo piores do que eles, só porque gozavam de uma boa reputação social⁴². A simples frase de Jesus “a tua fé te salvou; vai em paz” transmite a raiz profunda do perdão e o seu fruto mais amplo, ou seja, a fé gera o perdão que é salvação, e isso se deu pelo real acolhimento de Jesus em defesa da pecadora, colocando-a em plena comunhão de vida com Deus⁴³.

Faremos agora uma breve análise semântica das palavras-chaves da perícope, e para tanto, agiremos da seguinte forma: para não ficar muito extensa e precisarmos analisar palavra por palavra, nos deteremos em especular o que há de mais importante em cada versículo e faremos alguns acréscimos de informações complementares se preciso.

v. 36 – Aqui diz respeito a uma breve introdução, enaltecendo, por sua vez, o convite feito a Jesus pelo fariseu Simão. Tal proximidade diz respeito à simpatia que Jesus tinha também com essa classe social, já que anteriormente ele tinha jantado com um publicano⁴⁴. O fato é que em Lucas, Jesus não é inimigo dos fariseus.

v. 37-38 – Aqui temos a entrada e as ações da mulher. É bem verdade que, por mais que a refeição fosse algo solene, não era da esfera particular, e as pessoas poderiam ver o que acontecia. Mas entra uma prostituta com um vidro de perfume, que, atestado pela tradição e por historiadores, era bem caro. Talvez a intenção

41 Cf. Rinaldo FABRIS; Bruno MAGGIONI, *op. cit.*, p. 88.

42 Cf. *Idem*, p.89.

43 Cf. *Idem*, p.88.

44 Cf. Leon L. MORRIS, *O evangelho de Lucas*, 1983, p. 138.

da mulher fosse pura e simplesmente ungir Jesus, mas suas emoções a dominaram e ela começou a chorar. E ao enxugar os pés de Jesus com os cabelos, ela demonstrou que estava completamente esquecida da opinião pública. O centro de sua ação são os pés de Jesus, cuja tarefa era atribuída aos escravos, representando provavelmente uma marca de humildade da mulher⁴⁵. Aqui, a mulher chama a atenção pelo seu anonimato, o seu silêncio e os seus gestos. Foi, pois, a única mulher do evangelho a ser curada por Jesus de uma doença espiritual, pois o seu mal era de outra ordem. Ela não pronuncia nenhuma palavra, só realiza gestos. E seus gestos são expressão de ternura, de amor e reconhecimento. Cada ação pausada da mulher não está dotada de um sentido erótico, mas num sentido de uma tônica discipular.

v. 39 – Neste versículo, vemos a reação do fariseu que tem uma pequena conversa de desaprovação consigo próprio, dando a entender que Jesus não era nada de profeta, pois, de igual modo, ele não sabia quem e qual era a mulher que o tocou⁴⁶. Ou seja, nenhum profeta, se soubesse de fato, se deixaria tocar por uma mulher impura⁴⁷.

v. 40 – Jesus vai mostrar de forma indireta que ele é um profeta, de fato, pois respondeu aos pensamentos de Simão. De igual modo, ele mostrou que não apenas sabia quem era a mulher, mas sabia inclusive quem Simão era e o que tinha pensado⁴⁸.

v. 41-43 – A parábola aparece nestes três versículos, especificamente quando Jesus conta a história de dois devedores. Não era preciso muito entendimento para saber quem de fato amaria mais o benfeitor⁴⁹.

v. 44-46 – A partir de agora vemos o ensinamento de Jesus diante da “parábola viva”. Enquanto a mulher estava à margem, ela ocupou o centro. O preconceito que habitou o coração de Simão está justamente no fato de que ele não conseguiu ver na mulher nada mais e nada menos do que o seu passado. E Jesus vai contras-

45 Cf. Leon L. MORRIS, *op. cit.*, p. 139.

46 Cf. *Idem*, p. 140.

47 Cf. Cristina CONTI, *op. cit.*, p. 72.

48 Cf. Leon L. MORRIS, *op. cit.*, p. 140.

49 Cf. *Ibidem*.

tando as atitudes da mulher com as não-atitudes do fariseu. Ou seja, o fariseu não concedeu uma hospitalidade de honra, e isso significa que falta amor para o fariseu⁵⁰.

v. 47 – A vida cristã é diferente da lógica farisaica. Isso se dá porque o perdão e salvação concedidos por Jesus não são por causa dos méritos de quem os recebe, mas são livre expressão da vontade e da gratuidade de Deus. Isso é relevante, pois o que a pecadora demonstrou era a mais pura prova de que já tinha sido perdoada. Se aqui preexiste uma relação entre amor e perdão, que um não subsiste sem o outro, se ela demonstrou muito amor, é certo que tinha sido perdoada⁵¹.

v. 48-50 – Esses dois últimos versículos se apresentam como um epílogo, onde Jesus concede o perdão à mulher. É óbvio que tudo isso causou escândalo diante dos fariseus porque, além de tudo que já fora dito contra Jesus, ele também estava perdoadando pecados. E por fim, a saudação de despedida, originalmente do grego “vai para dentro da paz”, vem ressaltar a ideia de que dos lábios de Jesus não brota nenhuma condenação, mas concede gratuitamente a salvação⁵².

5. Síntese teológico-pastoral

Em relação ao conteúdo destrinchado por meio da investigação em torno desta perícopes, podemos afirmar que surgem diversos horizontes para que possamos fazer uma atualização do texto que tivemos acesso. Questões contemporâneas como o uso consciente da justiça, o fator da exclusão social, de igual modo, o acesso exclusivo de alguns grupos, que por sua vez, controlam o acesso a Deus, os enfoques demasiados com relação à moral sexual e o advento do empoderamento feminino, podem servir de direcionamentos para esta atualização.

A justiça está presente no texto como pano de fundo, e isso se deu pela parábola que habitou o eixo central da perícopes, pon-

50 Cf. *Ibidem*.

51 Cf. *Idem*, p. 140-141.

52 Cf. *Idem*, p. 141.

do nas mãos do fariseu um reto julgamento sobre quem amaria mais o patrão depois de perdoadas ambas as dívidas. Para a nossa condição contemporânea, podemos nos perguntar: como se tornar justo diante de Deus? A posição adotada pelo fariseu ainda persiste em nossa sociedade, ou seja, aqueles que se acham puros e justos tendem a apontar o dedo para os defeitos daqueles que estão afastados de Deus.

Destarte, a exclusão social surge em contextos semelhantes. A maioria dos excluídos na sociedade são aqueles que não tiveram acesso à educação, à cultura, à moradia, à qualificação para o alcance de um emprego digno, e aos cuidados básicos de saúde. Na perícope em questão, vemos a indiferença não somente por parte dos fariseus, mas de todos os convidados para com a mulher que era uma pecadora pública, ou seja, uma prostituta. Hoje temos uma compreensão maior sobre a prostituição e sabemos o quanto esta forma de ganhar dinheiro vem carregada de condicionamentos. O papa Francisco, em seu livro “O nome de Deus é misericórdia”, falou que quando fora bispo em Buenos Aires, atendeu uma mulher que só se prostituía durante seis meses do ano, período em que a fábrica que trabalhava fechava, para poder sustentar os seus filhos. A verdade é que nós não temos conhecimento da consciência das pessoas e apenas elas próprias podem julgar-se por fazer o que fazem.

Outro ponto muito relevante a ser discutido é sobre o controle do acesso das diversas pessoas a Deus. Enquanto “a classe dos escribas e fariseus pretendia ter o controle do acesso das pessoas a Deus, através do controle do Templo e da Lei”⁵³, Jesus denuncia tal prática e mostra que veio para todos, principalmente para estes que ficam à margem da sociedade. Em sua morte, quando o véu do Santuário se rasgou pelo meio, como afirma Lucas em 23, 45, isso tem uma conotação de que o acesso ao Santo dos Santos foi aberto para todos aqueles que buscam um contato direto com ele. Se na perícope em questão Jesus se deixa tocar pela mulher e aceita o seu afeto, ele se deixou tocar pelo pecado e utilizou do fato para mostrar aos fariseus que a verdadeira impureza consistia na

53 Tereza Maria Pompéia CAVALCANTI, *op. cit.*, p. 40.

superficialidade dos ritos, e que Deus concede a sua misericórdia àqueles que têm um coração humilde. Sobre esta acolhida de Jesus para com aqueles dos setores mais excluídos da sociedade, Pagola, de uma forma bem contemporânea, afirma o seguinte:

Precisamos rever algum dia, à luz deste comportamento de Jesus, qual é a nossa atitude diante de certos grupos como as mulheres que vivem da prostituição ou os homossexuais, cujos problemas, sofrimentos e lutas nós preferimos quase sempre ignorar no seio da Igreja, como se para nós não existissem. Não são poucas as perguntas que nos podemos fazer: Onde podem eles encontrar entre nós uma acolhida parecida com a de Jesus? De quem podem ouvir uma palavra que lhes fale de Deus como ele falava? Que ajuda podem encontrar entre nós para viver sua condição a partir de uma atitude responsável e crente? Com que podem compartilhar sua fé com paz e dignidade? Quem é capaz de intuir o amor insondável de Deus pelos que são esquecidos pelas religiões?⁵⁴

Tocar em assuntos que tragam a moral sexual como pano de fundo nunca foi algo muito confortável de fazer, nem no tempo de Jesus, nem do decorrer dos tempos com o crescimento do cristianismo, e muito menos nos dias de hoje. Temas relacionados à sexualidade constituem um tabu em nossa sociedade que, por mais que o advento da revolução sexual tenha acontecido, em muitos ambientes ainda é muito custoso tratar tais temas.

Tereza Cavalcanti afirmou algo muito interessante: “Se por um lado as Igrejas – sobretudo as Igrejas no Brasil – encontraram um discurso adequado, novo e libertador para lidar com a problemática socioeconômica, o mesmo não aconteceu no campo da moral sexual”⁵⁵. Diante de uma problemática como esta, do acesso direto de uma prostituta perante a pessoa de Jesus, a atitude de Jesus não seria uma forma de lançar luz sobre o modo como devemos enfocar atualmente a moral sexual?⁵⁶

As consequências nefastas de tudo isso, mas que precisam

54 José Antonio PAGOLA, *O caminho aberto por Jesus – Lucas*, 2013, p. 143.

55 Tereza Maria Pompéia CAVALCANTI, *op. cit.*, p. 30.

56 Cf. *Ibidem*.

ser solucionadas urgentemente, tendo em vista os avanços sociais, ainda persiste o fato de que o pecado de ordem sexual não é tratado de forma específica e singular, observando os condicionamentos e a consciência moral de cada indivíduo. Mas o que vemos é uma propagação de regras mais intransigentes do que em qualquer outro campo da moral⁵⁷. O que resulta disso, é uma pressão psicológica social, fazendo com o que os pecados de ordem moral-sexual sejam vistos como faltas gravíssimas, de forma bastante rígida, os demais pecados que estão no mesmo nível de gravidade, sejam esquecidos de lado.

Por fim, podemos analisar o advento do empoderamento feminino, resultado de uma constante opressão das mulheres no decorrer dos séculos. A personalidade feminina foi muito querida por Jesus, e isso se concretiza pelo acolhimento e pela proximidade que Jesus tinha para com as mulheres. Este fato é tão considerável, pois vemos uma mulher pagã ajudando Jesus a compreender melhor a sua missão, como em Mc 7, 24-30⁵⁸.

Pagola afirma ser anacrônico entender Jesus como um precursor do feminismo moderno, comprometido numa luta de igualdade de direitos da mulher e do varão⁵⁹. Mas, com tais gestos de curas de enfermidades e opressões, Jesus mostra que as mulheres são queridas por Deus para, por meio de sua nova condição, seguir e servir Jesus no anúncio do Reino de Deus, tornando-se discípulas e testemunhas⁶⁰.

Considerações finais

A pesquisa que nos propusemos fazer nos colocou diante de muitas informações necessárias para a compreensão do Evangelho de Lucas. Tanto que, ao partirmos de um horizonte mais amplo, nos detemos sobre a formação e elaboração da obra lucana, para

57 Cf. *Idem*, p. 40

58 Cf. José Antonio PAGOLA, *Jesus: aproximação histórica*, 2014, p. 269.

59 Cf. *Ibidem*.

60 Cf. Adela RAMOS, As mulheres no evangelho de Lucas, in *RIBLA* 44 (2003), p. 94.

que assim pudéssemos adentrar no horizonte específico da perícoppe deste artigo, Lc 5, 36-50. O envolvimento com o texto de “Jesus e a pecadora” nos permitiu um certo nível de intimidade, pois procuramos ter conhecimento do texto não de forma superficial, mas de maneira bem mais aprofundada do que estamos acostumados a fazer com os demais textos que temos contato. Lançando luzes sobre o texto, fazendo delimitações e comparando com os relatos de outros evangelistas, pudemos organizar em linhas gerais uma forma de que a sua mensagem pudesse ficar mais clara, atualizada, e, por conseguinte, uma compreensão mais apurada do texto em questão.

Assim, após percorrer pelas alamedas do texto, é possível acreditar que as motivações iniciais da pesquisa foram atingidas e a apreensão da mensagem que o texto quis passar, após um bom aprofundamento, favoreceu-nos uma boa compreensão e assimilação. Destarte, entendemos que Jesus se utilizou da impureza dos que se consideravam incólumes, e daqueles ritos levados a plena observância para desmistificar os paradigmas cunhados a nível social e religioso, mostrando que, em Lucas, as mulheres também são destinatárias da salvação enunciada por Jesus.

Referências

- BERGER, K. *As formas literárias do Novo Testamento*. São Paulo: Edições Loyola, 1998.
- Bible Hub. Disponível em <<https://biblehub.com/whdc/luke/7.htm>>. Acesso em 10 de novembro de 2018.
- BÍBLIA de Tradução Ecumênica. São Paulo: Loyola, 2015.
- BUSS, Claudio Roberto. *Aula de Exegese e Teologia Bíblica de Lc 7, 36-50* (informação verbal). Taubaté: Faculdade Dehoniana, 17 de setembro de 2018.
- CASALEGNO, Alberto. *Lucas: A Caminho com Jesus Missionário*. São Paulo: Loyola, 2003.
- CAVALCANTI, Tereza Maria Pompéia. Jesus, a pecadora pública e o fariseu. In *Estudos Bíblicos* 24 (1989), Petrópolis, p. 30-40.
- CONTI, Cristina. O amor como práxis – Estudo de Lucas 7, 36-50. In *RIBLA* 44 (2003). Petrópolis: Vozes, p. 60-77.
- FABRIS, Rinaldo; MAGGIONI, Bruno. *Os Evangelhos II*. São Paulo: Loyola, 2006.

- HAHN, Scott; MITCH, Curtis. *O evangelho de São Lucas – Cadernos de estudo bíblico*. Campinas: Ecclesiae, 2015.
- MORRIS, Leon L. *O evangelho de Lucas*. São Paulo: Vida Nova, Mundo Cristão, 1983.
- PAGOLA, José Antônio. *Jesus: aproximação histórica*. Petrópolis: Vozes, 2014.
- _____. *O caminho aberto por Jesus - Lucas*. Petrópolis: Vozes, 2013.
- RAMOS, Adela. As mulheres no evangelho de Lucas. In *RIBLA - Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana* 44 (2003), Petrópolis, p. 78-94.
- SILVA, Cássio Murilo Dias da. *Metodologia de exegese bíblica*. São Paulo: Paulinas, 2000.
- VILAS BOAS, Susana de Sousa. *O Amor que Salva – Uma Leitura de Lc 7, 36-50 (online)*, 2017. Disponível em <https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/22860/1/O%20Amor%20que%20Salva%20%28Lc%207%2C36-50%29_Susana%20Vilas%20Boas-A.pdf>. Acesso em 15 de novembro de 2018. (Dissertação de Mestrado em Teologia – Universidade Católica Portuguesa).

